

O PIONEIRISMO FEMININO EM PALMEIRA D'OESTE DÉCADA DE 40 E 50

AUTORES:

ANNA PEREIRA SILVA NETA GRAMINHOLI
RANDERSON CARLOS DE SOUZA



Anna Pereira Silva Neta Graminholi



Randerson Carlos de Souza

RESGATANDO A HISTÓRIA

É preciso mostrar um pouco da trajetória de lutas, de conquistas, de mudanças históricas com ênfase dada à mulher como participante da História de Palmeira d' Oeste.

Durante muito tempo a mulher viu-se submetida a uma única imagem, a de "mãe-esposa-dona de casa", sendo-lhe negada a oportunidade de registrar seu papel na História. Por isso, buscamos devolver-lhe uma pequena parte do que lhe foi tomado ao contarmos, como foi a participação da mulher, na fundação e na formação do município de Palmeira d' Oeste. Focamos o período entre os anos de 1940 e 1960.

Há de se mostrar uma “pitada” do dia-a-dia, dessas bravas mulheres, suas dificuldades rotineiras, sua cultura, saúde, relação com a natureza e também da sua participação na educação, na economia e na política, sem esquecer o aspecto social, relação familiar, namoro, casamento, relacionamento com vizinhos e outros assuntos.

Consultamos livros, jornais, fotos, mas o mais importante foram as conversas e entrevistas com as poucas mulheres remanescentes do grupo de pioneiras que participaram na construção da História de Palmeira d' Oeste. A narrativa dessas mulheres foi-nós de suma importância, uma vez que o município é carente de registros escritos sobre esses fatos, existindo apenas um livro de autoria de José Roveri, mas, mesmo esta fonte não traz uma história coletiva, mas pessoal. O livro "Onde canta o sabiá - Sonhos e Memórias de um Boticário do Sertão", conta a história do autor, a partir de sua cidade natal, e sua mudança para Palmeira d' Oeste, em janeiro de 1945, mais ou menos um mês após a fundação oficial, 13 de dezembro de 1944. O autor conta suas experiências no município, até 1971, quando deixa a cidade que ajudou a construir, para morar em Rondonópolis.

Na Prefeitura Municipal há poucos registros sobre a História de Palmeira d'Oeste. Existe apenas um Histórico composto de duas páginas contando a visão oficial da fundação da cidade.

Na igreja católica de Palmeira d' Oeste, a primeira igreja a ser construída no município, também não há informações. Os registros existentes, na maioria são de batismo e

casamento. Datam a partir de 1959, quando foi fundada a Diocese de Jales, a qual a Paróquia de Santa Luzia de Palmeira d'Oeste pertence.

Apesar de todos os obstáculos acreditamos e esperamos contribuir com o registro da "História de Palmeira d'Oeste".

Procuramos resgatar parte da história partindo basicamente do depoimento de três atuantes mulheres pioneiras obtidos no ano 2000:

Adélia Biancarde Scapim;

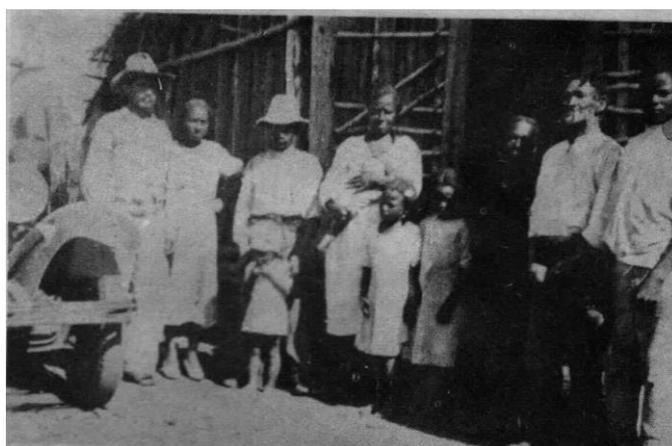
Maria Ressude Gonçalves (Dona Mariquinha);

Argentina Cardozo Borges.

CHEGAM OS PIONEIROS

Apesar da fundação oficial datar em 13 de dezembro de 1944, o desbravamento destas terras inóspitas começou a ocorrer bem antes. A primeira família de que tivemos informação e que viera morar no Município é a do Sr. Manoel Francisco de Almeida, o popular "Manezinho Baiano", cuja esposa é a Sra. Maria Tiburtina de Jesus, personagem da qual falaremos mais adiante.

O Sr. Manezinho Baiano, veio em 1930 para ser posseiro da Fazenda Palmital, propriedade de 12070 alqueires, pertencentes ao Coronel Joaquim de Lima Moreira.



A família do "Manezinho Baiano" na sede da Fazenda Palmital
Manoel Victor (genro) e sua esposa, "Chiquinho Carreiro" e esposa, Maria Tiburtina de Jesus e seu esposo "Manezinho Baiano", Euclides (filho).

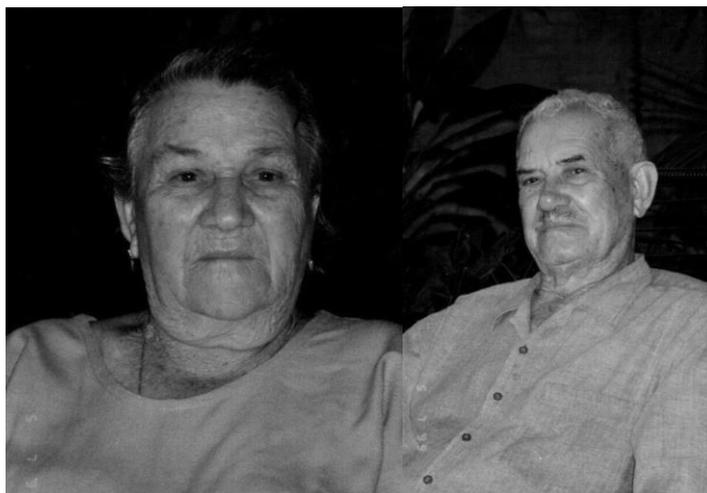
Em 1938 Joaquim Lima Moreira Filho, acompanhado de seus filhos Welson e Walter, e de seu cunhado Edílio Ridolfo, vem fazer o levantamento da herança deixada por seu pai, e contaram com a ajuda do agrimensor Orestes Ferreira de Toledo.

Em 1939, Thomaz Vicente compra 550 alqueires do Sr. Joaquim, reserva 100 alqueires para seu filho José Vicente Vicente e vende 50 alqueires para o Sr. Ângelo Scarpim. André Ressude chegou em 1941, e Scarpim no ano seguinte e no início da década de 40 muitas famílias já residiam na região.

As famílias ao chegarem aqui se deparavam com uma realidade difícil e passavam a lidar com o desconhecido, com o medo, com as dificuldades e com a natureza.

“Mas nós trabalhamos, meu Deus do Céu! Que desespero no meio desse mato! Você à

noite, se estava fechado dentro daqueles ranchos, escutava, as onças miarem” (Relato de Adélia Biancarde Scapim em 18/07/2000).



2001 - Adélia Biancarde Scapim e seu marido José Scarpim

Muitos vieram para a região para cuidar de propriedades da família, outros como posseiros e outros ainda como empregados, mas a maioria dessas pessoas partilhou dos mesmos sofrimentos e dificuldades, principalmente para a mulher que acumulava várias funções, tais como ser, dona-de-casa, mãe, lavradora, rezadeira e professora, entre outras.

As casas, no princípio eram básicas e iguais, de pau a pique, cobertas de sapé. As portas eram constituídas de varões encaixados na base e na parte superior, paus ou tábuas colocados um ao lado do outro com a finalidade de fechar a abertura.

Na década de 40 já havia algumas casas de madeira e a partir de 1950 casas de tijolos, inclusive casas comerciais. Os móveis não eram muitos, eram o fogão a lenha e a lamparina, rádio só havia um, que era o de José Vicente Vicente.

O DIA A DIA DA MULHER E SUAS DIFICULDADES

Para a mulher que veio especificamente para a zona rural o dia começava com os primeiros raios do sol, a primeira tarefa era "pegar" água. Onde não havia poço, buscava no córrego com uma lata, depois era fazer o almoço, em primeiro lugar cozinhar o feijão. O almoço tinha que ser levado na roça, onde estavam os homens e mulheres trabalhando, um momento de perigo e sacrifício para as mulheres.

“... quando você ia para a roça levar comida, até sapo corria atrás da gente, cada sapo que era assim, enorme! Dava um medo, parecia uma galinha choca, e a gente tinha que ir, tinha que enfrentar (...), nós tínhamos medo de levar comida para os homens que trabalhavam na roça. Nós tínhamos medo de onça. Aquele tamanduá bandeira, tinha cada bitelão!” (Adélia Biancarde Scapim).

Às vezes as mulheres ficavam na roça para ajudar, outras vezes iam realizar outras tarefas domésticas como lavar roupa no córrego, socar café em coco, para depois torrar e moer no pilão, socar arroz também no pilão para o almoço e jantar e ainda fabricavam produtos caseiros como farinha de mandioca.

Nós primeiros anos em que estas terras passaram a ser habitadas o serviço da mulher era basicamente dois: cuidar da casa e ir à roça, mas no serviço de casa os filhos e os irmãos ajudavam a cuidar dos animais domésticos e costurar, além de outras tarefas.

“Eu tinha uma irmã que era mais que um homem na roça, ela trabalhava mais que qualquer homem, meu pai assim falava. Fazia todos os serviços, fazia almoço cedinho a Anna, e arrumava, ia para a roça. Voltava a tarde, fazia a janta, e não lembro que dia ela lavava a roupa, porque limpava a casa nos sábados e nós domingos (...), eu tinha uma irmã, que matava porco sozinha, cuidava de um porco enorme, ela, hoje, mora em São Paulo, mais nova que eu, costurava toda a roupa de casa” (Relato de Maria Ressude Gonçalves em 18/07/00).

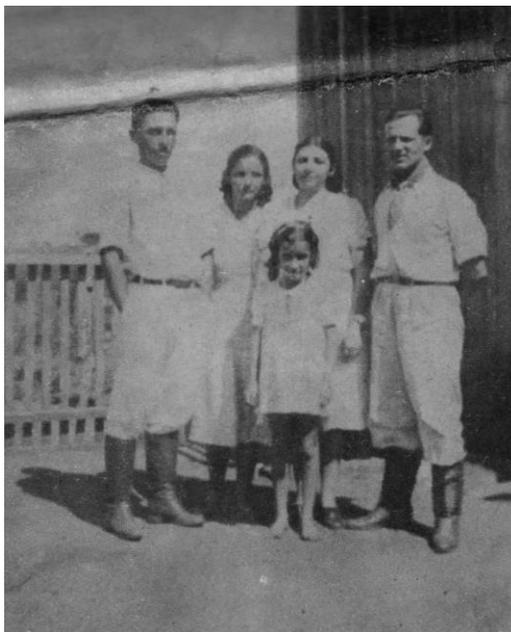


2003 - Maria Ressude Gonçalves (Dona Mariquinha) e seu marido Braulino Martins Gonçalves (Seu Bráiz)

As dificuldades enfrentadas pelas primeiras famílias a se estabelecerem na região eram muitas.

A senhora Adélia Scapim chegou à região em 1942, a família veio cuidar da propriedade que seu sogro havia adquirido na região. Segundo a mesma, as dificuldades eram muitas e o sofrimento também. Entre as dificuldades estava o transporte, difícil, pois não havia estrada, era através de picadas no meio do mato e na maioria das vezes o meio de transporte utilizado era o cavalo, as dificuldades no transporte também são mencionadas por outras mulheres pioneiras.

"Abrimos a estrada a facção" (Relato de Edith Ridolfo ao Projeto Memória, do Jornal de Jales de 1998).



1942 - Jocelyn de Lima Moreira e sua esposa, Dona Edith de Lima Moreira e esposo Edílio Ridolfo.

Outra dificuldade mencionada pela senhora Adélia, foi quando mudaram para o município, a propriedade não era cercada, e o gado ficava solto no mato, era cercada apenas a roça que era de subsistência, até a formação da propriedade. Desta forma só tinham leite para alimentação quando o gado aparecia, outras criações como os porcos foram devorados pelas onças.

A falta de mercadorias básicas também fez parte do dia-a-dia das famílias pioneiras, principalmente das mulheres que às vezes tinham que se dedicar, além do serviço doméstico e do serviço da roça, a fabricação de alguns produtos básicos para a época.

“Por causa da chuva, nós ficamos sem açúcar, sem gordura, sem sabão para lavar roupa. Nós ficamos sem café, nós ficamos sem nada (...) O meu marido saía aqui do córrego da Laranjeira e ele com pai dele iam em Pereira Barreto a pé. Eles iam buscar açúcar, tempero, essas coisas que precisávamos. Os porcos que vieram na mudança, as onças comeram todos (...) Aí, então, eles matavam veado, tatu, cateto para nós fazermos sabão. Nós não tínhamos soda. A soda tirávamos de quada do mato, da tal Maria Pobre (...) queimava aquilo, tirava a cinza, nós fazíamos o balileiro de cinza, tirávamos da quada e nós cozinhávamos o bicho, a poder. Daquela água que caia, daquela cinza, até nós conseguirmos tirar o tacho de sabão, aí é que nós aprendemos a fazer isso, então ficamos felizes” (Adélia Biancarde Scapim).

“Não tinha arroz, era feijão com caruncho, garirova do mato, carne de bicho do mato, meu pai comia, meu pai não ficava sem verdura (...) ele comia carirú, berduéga, fazia aquelas baciadas de verdura” (Maria Ressude Gonçalves).

A natureza sempre mostrava duas faces antagônicas, medo e alegria, ameaça e diversão, sobrevivência e morte. As onças devoravam os animais domésticos, rondavam as casas dos pioneiros trazendo perigo, revirando o quintal:

"Você, à noite, se estava fechado dentro daqueles ranchos, escutava as onças miarem, aquelas onças que davam miaçona. Se Você deixasse uma bacia com roupa do lado de fora do rancho, de manhã cedo tinha revirado tudo, pisado naquilo tudo, vinha bicho, procura coisa para comer" (Maria Ressude Gonçalves).

Outros animais que causavam medo, principalmente nas mulheres que iam levar almoço na roça, como já foi dito anteriormente eram o tamanduá-bandeira e o sapo-boi.

Os insetos também eram causas de preocupação e perturbação, como nós relata a senhora Maria Ressude Gonçalves em dois momentos distintos, o primeiro logo que a família mudou para a região em 1941.

"Meu pai e meus irmãos, saiam para a roça, meu tio Salvador também. Eles saiam para a roça cedinho para derrubar a mata, para plantar, para formar o cafezal. Eles saiam cedinho. Quando eles chegavam a tarde as camisas deles pareciam uma salmoura e atrás seguindo eles, um monte de vareja. As camisas cheias daquelas moscas varejeiras e camisas duras do sal que eles suavam, deveriam ter muita imundice nas matas... mosquitos. Precisava ver o jeito que eles voltavam" (Maria Ressude Gonçalves).

O segundo relato conta um episódio ocorrido quando já era casada e residia em Auriflama, mas visitava constantemente a família em Palmeira d' Oeste, para onde retornou novamente no final da década de 40, mas para morar na Vila de Palmeira d' Oeste.

"Nós viemos com uma égua, não tinha tanto animal, precisava posar na beira da estrada, nas casas, cheia de percevejo, cheia de chupança. Uma noite nós escutamos um barulhinho, naquela parede furrada de papel, aí o Braz ascendeu o farolete, era chupança, todas debaixo do papel" (Maria Ressude Gonçalves).

As picadas dos insetos traziam o medo de doenças, transmitida pelos mesmos. Apesar dos riscos trazidos pela natureza, era ela também quem dava as alegrias, principalmente, às crianças:

"Quando chovia, os veadinhos vinham se esconder debaixo da mesa, então aquilo, para as crianças era uma festa, eles pegavam. A alegria deles era pegar o veadinho novo e prender na corda" (Maria Ressude Gonçalves).

Mas não era só diversão a utilidade da natureza. As mulheres usavam para fazer sabão, os animais mortos pelos homens e as cinzas de uma árvore era a substituta da soda, e também, a partir de elementos da natureza fabricavam outros itens como a vela e o tamanco.

"Tamanco se fazia com uma sola de pau dessa paineira do mato e colocava o couro de cateto em cima, era um tamanco (...) Para fazer vela eles iam no mato e tiravam favo de abelha pois tinha muita abelha europa naquele tempo. Então eles pegavam, cortavam, um bambu, pois tinha muito. Se vê que é muito antigo, então

cortavam, desmanchavam aquela cera e enchia aquele canudo de bambu com um barbante no meio, a hora que esfriasse, partia o gomo de bambu e tiravam a vela" (Adélia Biancarde Scapim).

Os banhos eram tomados em bacias grandes, isto quando se tinha bacia, pois devido a distância das cidades e do comércio dificultava a circulação de mercadorias.

"Tomava banho, sabonete graças a Deus nunca faltou. Tomava um banho, tomava, nem bacia para tomar banho tinha, porque nós viemos e não trouxemos muita mercadoria, porque era longe, nós ficamos três dias viajando de Pindorama para chegar aqui" (Adélia Biancarde Scapim).

O chuveiro acionado a cordinha só aparecerá mais tarde na região, mas primeiramente na cidade.

"Não tinha chuveiro. Era aquele negócio de puxar a cordinha" (Maria Ressude Gonçalves).

O vestuário era basicamente igual para todos os pioneiros, predominava a simplicidade e a moral, para as mulheres vestidos longos, com tamancos (muitas vezes fabricados em casa) e chapéu de palha.

"Era um tamanco (...) e vestido era riscado, chapéu na cabeça, um vestido" (Adélia Biancarde Scapim).

"Não tinha nada de moda" (Maria Ressude Gonçalves).

"A roupa era sempre comprida. As mulheres principalmente, não usavam vestido curto" (relato de Argentina Cardozo Borges em 10/10/2000).



1987 – Argentina Cardozo Borges e seu marido Levino Balthazar Borges

Os homens também seguiam a regra, se vestiam com simplicidade, com algumas poucas exceções, alguns poucos homens usavam o paletó, terno inexistia.

“Os homens usavam aquelas calções, de boca... de boca larga, que usavam naquela época, as mesmas camisas. Paletó essas coisas não! Era muito difícil” (Argentina Cardozo Borges).

“A comadre Idalina, e o finado Zé Vicente (...) ela passava um terno de linho todo dia com um ferro de brasa” (Maria Ressude Gonçalves).

Para a vaidade quase não existia espaço. Num sertão ainda bravio não tinha muito sentido, não era a principal preocupação, havia muito a se fazer, mas às vezes abria uma pequena brecha, apesar de tais atitudes serem mais relacionados à higiene do que de vaidade. Vejamos o que cada mulher respondeu, quando indagada a respeito da vaidade:

“Era assim: passava um pente no cabelo, tomava um banho, sabonete graças a Deus nunca faltou” (Adélia Biancarde Scapim).

“A Maria Elisa era professora em Palmeira, era tão simples não tinha nada de vaidade, anormal” (Maria Ressude Gonçalves).

“Era roupa simples, tudo simples, não era roupa “chic”, não” (Argentina Cardozo Borges).

Naquele tempo as compras de alimentos, roupas e calçados eram feitas em cidades maiores e mais desenvolvidas como Pereira Barreto e mais tarde Jales. Apesar de hoje Jales ser uma cidade mais desenvolvida, nasceu praticamente na mesma época e no mesmo contexto sócio-político e econômico, inclusive alguns pioneiros de Palmeira d' Oeste conheceram Jales ainda bem pequena.

“Quando nós viemos aqui de mudança, Jales tinha três casas. Tinha, não sei se você viu falar de um “tal” de Cascatinha de Jales, era uma pensãozinha. Tinha uma pensão, tinha uma farmácia. Você já ouviu falar do Renato que era farmacêutico aqui antigamente, a farmácia do Renato antes era em Jales e tinha mais uma casinha, mas o que se achava naquela barraquinha? Se achava fumo, cigarro e pinga, porque outras coisas não tinha “ (Adélia Biancarde Scapim).

Jales desenvolveu-se rápido e logo passou a ser ponto de referência para compras de roupas, calçados e alimentos. Em 1944, já surgiu a primeira "Venda" em Palmeira d' Oeste, onde muitos passaram a comprar e os que moravam nos sítios e fazendas, traziam as compras a cavalo ou outros veículos de tração animal como carroça ou charrete e carro de boi. A primeira venda pertencia ao senhor Nelson Simão.

No início do povoamento de Palmeira d' Oeste, junto com os primeiros habitantes, veio a fé em Deus e a fé na religião Católica.

A religião Católica Apostólica Romana esteve presente desde o começo, não só como estrutura física, mas no espírito e na fé dos aventureiros que vieram para a região. A igreja de Santa Luzia, foi a primeira a ser construída em Palmeira d' Oeste, e foi em volta dela, que muita gente acredita que a cidade surge e cresce. O movimento devido a

realização dos terços induz o surgimento do comércio.

É devido a sua importância para o crescimento da cidade que irá surgir controvérsia sobre sua construção e escolha da padroeira.

A primeira igreja foi construída nas terras de José Vicente. Na realidade as terras ainda pertenciam a seu pai, mas quando Thomáz Vicente doa as terras para a fundação do Patrimônio, ele deixa sobre a administração de seu filho mais velho José Vicente.

Apesar de estar nas terras de Thomáz Vicente, segundo o depoimento da senhora Adélia Scapim, foi a família Scarpim quem construiu a primeira igreja, ainda coberta de folhas, na primeira metade da década de 40.

"Aqui em Palmeira, os que abriram o largo da igreja, para fazer uma capelinha coberta de folhas, foi os Scarpim. Foi o meu marido e mais três irmãos dele. Depois como se diz: a gente vinha todos os domingos. Vinha rezar, trazia as crianças, mas então, foi correndo a noticia que o Zé Vicente havia dado o terreno para fazer o patrimônio, a vila! Mas não tinha nada era só mato" (Adélia Biancarde Scapim).

A senhora Argentina Cardozo Borges veio para o município em 1946, quando tinha dez anos, a família havia comprado um sítio na região e comprou um lote na cidade onde construíram uma casa e ai moravam. Esta senhora conta uma outra versão, mas temos que levar em conta, que quando mudou para a região a igreja já estava pronta.

"Seu Francisco de Almeida, apelidado por Carreiro (...) ele o Zé Vicente, João Siqueira, esse povo que morava aqui naquele tempo... foi feito. Quando nós chegamos aqui a igreja era de folha de coqueiro" (Argentina Cardozo Borges).

Em relação à padroeira da cidade, também existe divergência de informações, a única informação concreta é que desde o começo foi, e é até hoje Santa Luzia, e que o primeiro terço rezado na capelinha foi no dia 13 de Dezembro de 1944, e foi rezado por dona Maria Tiburtina de Jesus.

A divergência na questão da padroeira é em relação a sua escolha, a versão oficial é que foi José Vicente quem escolheu a padroeira, marcando a fundação da cidade para o dia da Santa.

"Ao ver o mapa, o Zé Vicente ficou exultante e intempestivo como era disse ao Orestes:- Já posso marcar o dia para fundação do patrimônio"?

Respondeu-lhe Orestes:- desde que não seja nas vésperas do Natal, escolha o dia que bem entender.

Então está escolhido. Vai ser no dia 13 de Dezembro que é dia da santa de minha devoção: Santa Luzia (Narrativa de Edílio Ridolfo ao Jornal Folha d' Oeste em 01/05/1980).

A versão oficial também é contada no depoimento da senhora Argentina Cardozo Borges, mas dá outros motivos para a escolha da padroeira não a devoção pessoal de José Vicente, mas uma homenagem a duas mulheres.

“A padroeira da cidade foi escolhida pelo Zé Vicente, pois ele tinha a mãe dele, que se chamava Luzia. Tinha uma mulher assim (...), muito prestativa, então ficava um doente, ela ia lá prestar serviço, ela era... tinha o marido dela, chamado Domingos era só os dois, mas ela era prestativa demais. Então ele falou em função da minha mãe e da Dona Luzia, a padroeira daqui será Santa Luzia, então foi ele que deu o nome mesmo, o Zé Vicente” (Argentina Cardozo Borges).

Mas para a escolha da padroeira, existia uma outra versão, menos conhecida, mas não menos importante, segundo esta versão, não foi José Vicente, quem escolheu a padroeira da cidade, mas sim um grupo de mulheres, inclusive do qual, sua mulher Idalína fazia parte.

“... Então nós fizemos uma reunião, eu, duas cunhadas minha, e a mulher do Zé Vicente (hoje ele é falecido) e cada uma deu um palpite. Que santa, nós vamos por na nossa capela? Cada uma dava um palpite. Aí o palpite foi para Santa Luzia. Foi para Santa Luzia que nós rezamos o terço no dia 13 de dezembro, então vamos por nome, vamos batizar o largo da igreja daqui de Santa Luzia, e Santa Luzia ficou...” (Adélia Biancarde Scapim).

Como já foi dito o único ponto onde todas as versões são iguais, ou seja, entram em consenso é que o terço foi rezado no dia 13 de Dezembro, dia de Santa Luzia e que foi dona Maria Tiburtína de Jesus, quem rezou o terço, ou como se diz na linguagem popular, "puxou o terço". Dona Maria fazia parte da primeira família que veio para a região em 1930 para serem posseiros do Coronel Joaquim de Lima Moreira e morava na antiga sede da fazenda Palmital, era a esposa do senhor Manoel de Almeida, conhecido como "Manezinho Baiano", e mãe de Francisco de Almeida o "Chiquinho Carreiro." Seu nome é citado na versão oficial da história de Palmeira d' Oeste, e na história oral contada pela população local.

"A primeira rezadeira aqui de Palmeira, foi a mãe do senhor Chiquinho Carreiro, foi ela que nós chamamos para ajudar a rezar o primeiro terço” (Adélia Biancarde Scapim).

A senhora Maria Turbina também é mencionada no livro de José Roveri, em que ele conta sobre o período em que morou em Palmeira d' Oeste.

"Domingo, dia de missa lá em cima, na capelinha (...), rezada pela mãe do Chiquinho Preto, onde o povo ia orar” (relato de José Roveri no seu livro “Onde Canta o Sabiá — Sonhos e Memórias de um Boticário do Sertão”, Editora São Francisco Gráfica e Editora Lida — Ribeirão Preto — SP 1996).

Neste trecho, ela é mencionada como a mãe de Chiquinho Preto, que é justamente o Chiquinho Carreiro.

José Roveri menciona que ela rezava a missa, o que é incorreto, pois naquela época, missa só era celebrada por padres e Palmeira d' Oeste não contava com um. A senhora Maria Tiburtina, pode se dizer que ocupava uma posição de destaque, apesar de ser mulher, negra e pobre, era a responsável pela espiritualidade dos moradores da região,

através de suas orações e terços realizados na igreja.

A igreja era uma construção rústica, um cercado de pau-a-pique, coberto de folhas de coqueiro e o altar eram tocos.

"Fizeram a capelinha de folhas de coqueiro, e a gente rezava, o altar nosso era três tocos, era um maior e dois menores" (Adélia Biancarde Scapim).

Os terços eram rezados aos domingos, e as pessoas dos sítios vinham rezar a cada oito dias, mas era difícil para as pessoas virem, pois não havia estradas, eram picadas no meio do mato, vinham a pé, a cavalo, ou em carro de boi, como nós conta o depoimento a seguir.

"Nós morávamos há 4 quilômetros daqui, ali no córrego da Laranjeira (...), nós começamos rezando o primeiro terço no dia de Santa Luzia. Então a gente continuou. Às vezes não dava para vir, de oito em oito dias, porque não tinha condição, tinha de vir a pé, era picadão no meio do mato. A gente vinha carregando crianças. A gente vinha a cada oito, cada quinze dias, rezar o terço para Santa Luzia" (Adélia Biancarde Scapim).

Além do transporte e da distância havia outra dificuldade para as pessoas que vinham rezar na capelinha, as crianças, que não podiam ficar sem alimentação.

"Então quando nós vínhamos rezar o terço aqui, a gente trazia até o almoço. Fazia o almoço em casa, punha na marmita e trazia. Nós vínhamos com as crianças andando por 4 quilômetros, 5 quilômetros. Sabe? Criança quer comer, não tinha uma venda, não tinha uma padaria, não tinha nada, então a gente tinha que fazer o almoço em casa e trazer com a gente para quando as crianças quisessem comer, tinha o que dar para eles comerem" (Adélia Biancarde Scapim).

Conforme a notícia sobre a igreja se espalhava, mais pessoas apareciam para as orações, como era difícil vir para a igreja, muitas pessoas, passavam o dia no Largo da igreja, aí cozinhavam e dormiam.

Em época de festa religiosa chegavam a ficar dois ou três dias, então começaram a fazer os leilões para arrecadar dinheiro para construir a nova igreja e a escola.

"Foi aí que o povo começou a conhecer, a saber, que tinha gente fazendo esta capelinha, rezando. Aí o povo começou a vir, de muito longe vinha gente a cavalo, vinha carro de boi e colocava o carro de boi naquele largo que eles tinham feito. Eles cozinhavam, eles dormiam, ficavam aí dois, três dias e nós fazíamos leilões, para quatorze, quinze, vinte pessoas. Fazia leilão, fazia bolo, a gente matava leitoa, naquele tempo tinha" (Adélia Biancarde Scapim).

Com o aumento do movimento, começa surgir nas proximidades da igreja novas construções, principalmente voltada para o comércio.

"Mas foi aumentando, sabe? Começou a vir, uma família, começou a vir outra. Depois de um par de anos, veio uma venda, um rapaz, abriu uma vendinha, aí veio um senhor e abriu uma lojinha, um "tal" de João Penteado" (Adélia Biancarde Scapim).

A primeira missa em Palmeira d' Oeste foi celebrada pelos padres capuchinhos de Pereira Barreto, ainda na capela de pau-a-pique.

Para construir a nova igreja e também a escola primária foram realizados diversos leilões com uma variedade de prendas, que podiam ser gado, leitoa e assados entre outros.

Nos leilões participavam praticamente todos os membros da comunidade local, eram pessoas da Vila que estava se formando, e pessoas dos sítios e fazendas que trabalhavam na arrecadação, preparo, organização e realização dos leilões. As mulheres participavam em duas fases principalmente, na arrecadação e no preparo da prendas.

“Para fazer o leilão as mulheres é que arrumavam os frangos. Pediam, iam nos sítios à cavalo buscar frangos. Então quero dizer que a mulher ajudou muito, nesta parte é trabalho(...) Os moradores da vilinha, das fazendas de volta, e o povo da cidade se reuniram e começaram a fazer leilões. Cada um trazia uma coisa. Naquele tempo tinha muito, trazia leitoas, frangos e fazíamos os leilões. O primeiro leilão foi debaixo de uma árvore. Primeiro foi feita a escolinha, depois é que foi feita a capela, mas tudo colaborado” (Argentina Cardozo Borges).



1984 – Argentina Cardozo Borges

Depois dos leilões, com as arrecadações construíram o coreto na praça, a escolinha e depois a igreja, com a participação de várias pessoas, numa espécie de mutirão. A igreja e a escola foram levantadas no ano de 1948 e para inaugurá-la veio um padre de Votuporanga para celebrar a missa. Também foi em mutirão que furaram o poço ao lado da igreja para suprir a falta de água potável na época.

A religião também era praticada em casa e fazia parte do cotidiano dos pioneiros, as orações em casa eram comandadas pelas mulheres e usavam basicamente três símbolos: as imagens, velas e flores.

“Em casa, nós tínhamos nossos quadros santos. Tinha um quadro (...) tirava a vela, flor nós tínhamos no mato à vontade, porque mato dá muita flor. Quando nós não rezávamos o terço aqui na capelinha, nós rezávamos em casa” (Maria Ressude Gonçalves).

As diversões eram poucas no período, no início da década de 40, não havia Campo de

Futebol e nos sítios os vizinhos eram longe. A diversão era rara, resumia-se em ir ao terço e leilões na igreja, uma vez ou outra, ocorriam festas religiosas. Os bailes eram longe e quem se arriscava a ir tinha que enfrentar a noite as picadas no meio das matas. Muitos pais não deixavam suas filhas irem para os bailes, então algumas saíam escondidas, correndo perigos.

“Tinha uns bailinhos em Marinópolis, não sei se era Marinópolis ou se era uma fazenda, as minhas irmãs saíam escondidas do meu pai, iam pelo meio do mato. Meu pai não deixava, mas elas pegavam um picadão, olha o perigo! Depois que eu casei, já fazia uns 3 anos, 6 anos, já estavam mocinhas e se quisessem se divertir, tinham que enfrentar um matagal, uma mata, um picadão, e nos outros lugares, sei lá onde elas iam, nunca fui, que era os bailes que tinha” (Maria Ressude Gonçalves).

No final da década de 40 construiu-se o campo de futebol. Enquanto os homens arrancavam os tocos, as mulheres cozinhavam para alimentá-los, com o campo surge um novo divertimento, assistir ou jogar futebol. Outra diversão era jogo de baralho e visita aos vizinhos. Para os que moravam na Vila havia mais uma diversão, ir à casa do senhor José Vicente, escutar rádio, era o único a ter um rádio na região. Mas para os que moravam nos sítios e fazendas longe da Vila era mais difícil as diversões, então o jeito era divertir-se em família, como faziam os Scarpim liderados pela senhora Adélia.

“Nossa diversão era em família, às vezes..., às vezes. Eu tinha um cavaco, você sabe o que é um cavaco? Eu tocava cavaco e nós brincávamos, cantávamos entre cunhadas, sobrinhos, só em família. Aprontava aquela arruaça entre nós, também, se acabasse, calava, não tinha mais nada” (Adélia Biancarde Scapim).

A fuga das filhas de André Ressude para ir aos bailes pode ser vista como forma de enfrentamento ao machismo da época, elas passavam por cima da autoridade masculina para buscar, alguns momentos de distração numa época em que a vida foi muito difícil.

A atividade da senhora Adélia Scapim demonstra como as mulheres eram importantes para manter o ânimo dos desbravadores.

A saúde foi algo bastante sério na década de 40, principalmente na sua primeira metade, os pioneiros tinham que contar com a sorte para não adoecer, pois o transporte era difícil e não havia recursos na Vila de Palmeira d' Oeste.

As doenças, mais simples e comum, como gripe, inflamação de garganta, resfriado, era curada em casa pelos chás caseiros que as mães ou esposas faziam de plantas do mato. Em caso de doenças mais graves, era necessário procurar um médico, os que podiam e tinham recursos, levavam seus doentes para Pereira Barreto, Estrela d' Oeste ou procuravam um médico em Jales, mas mesmo assim era difícil. Os que não tinham recursos para transportar seus doentes, tratavam em casa com remédios caseiros, tinham que contar com a sorte; mas muitas vezes a fatalidade era inevitável e a mulher era uma das grandes vítimas, junto com seus filhos, recém-nascido ou ainda nem nascidos.

“Nós tínhamos um médico em Jales que meu pai buscava, quando precisava, doutor Arnaldo, já morreu faz muito tempo, buscava lá. Uma vez, minha cunhada teve uma

criança e a menina era muito grande (...) e até que buscou o doutor e trouxe (não sei do que vinha, nós íamos muito de carrinho, de cavalo, charrete... para Jales) até que buscou o doutor, quando chegou a menina nasceu, mas nasceu morta, uma baita de uma menina, passou do tempo de nascer.” Vichi”! Aconteceu muita coisa triste aqui por falta de recursos” (Maria Ressude Gonçalves).

Com a chegada do jovem farmacêutico José Rovéri à Vila de Palmeira d' Oeste em 1945, surgem novas esperanças à população local, pois consigo, ele trazia remédios e conhecimentos, isto acabava às vezes fazendo com que as pessoas vissem no farmacêutico a figura de um médico.

Além de medicar na farmácia e nas casas, José Rovéri era obrigado a até diagnosticar doenças e realizar partos, principalmente os mais difíceis, ou seja, aqueles em que as parteiras locais enfrentavam dificuldades.

“A mulher muito magra, facilitava em parte o meu trabalho, mas era um parto, que teria de ser feito por médico da categoria do Dr. Canabrava e não por um boticário de província (...). Depois de cinco horas de árdua tarefa, consegui recolocar a criança na posição correta, salvar a parturiente e a criança” (José Roveri no seu livro “Onde Canta o Sabiá — Sonhos e Memórias de um Boticário do Sertão”).

É necessário lembrar que todos os partos, na época eram partos normais.

Apesar da presença do farmacêutico, isto não significou que todas as mulheres e crianças estariam livres da morte, dos problemas do parto, e também não significava que ninguém mais morreria de doença na região. Em caso de urgência era na farmácia que as pessoas corriam em busca de socorro, mas nem sempre corria tudo certo.

“Tinha um farmacêutico, o José Roveri, então todo mundo corria na farmácia dele, era só lá. Parto tinha parteira, quando não tinha era ele mesmo que ia. Era só isso mesmo, não tinha outra coisa não. Se tivesse que morrer, morria mesmo (...) mas naquela época, morreu muita mulher de parto aqui. Inclusive, minha irmã morreu também, porque, ia ele lá, mas se acha que um farmacêutico novinho ia dar conta de parto? O que mais morreu naquela época foi mulher de parto” (Argentina Cardozo Borges).

O primeiro médico da cidade, só chegou em 1955, era o Doutor Paulo Costa, até então a situação, em relação a saúde era a mesma.

As mulheres grávidas trabalhavam da mesma forma, realizava os serviços da casa e ainda ajudava na roça, até os últimos momentos.

“Minha mãe diz que teve um neném na roça... trabalhava até nós últimos dias! Mulher nunca se resguardou” (Maria Ressude Gonçalves).

No começo do povoamento da região, da década de 30 e os primeiros anos da década de 40, era difícil até para morrer, não havia cemitério, e os defuntos eram enterrados nos quintais, debaixo das árvores ou cemitério particular nas fazendas.

“Olha na fazenda do meu pai, tinha um cemitérinho lá. Lá foi enterrado meu avô, pai do meu pai (...) nosso cemitério” (Maria Ressude Gonçalves).

As pessoas que não tinham local próprio para fazer seu cemitério, tinham duas opções, procurarem um cemitério onde pudessem enterrar seus mortos, ou enterrá-los próximos a moradia, no quintal.

“Tinha gente que fazia um buraco debaixo de uma árvore e colocava a pessoa, o defunto debaixo de uma árvore, solto. Tinha um cemitério muito longe daqui, acho que uns quinze, vinte quilômetros, tinha três sepulturas (...) até tinha um casal de gente preta, morava ali para baixo, pelos lados da Cacique, e morreu um netinho deles, eles enterraram no quintal, não tinha cemitério” (Adélia Biancarde Scapim).

Não se usava quase caixão para enterrar os mortos, a maioria era enterrada envolvida em um lençol, o uso de caixão só irá se difundir mais tarde, no final dos anos 40.

“Colocavam num lençol e eles punham um pau, assim, enfiado. Não sei se você já viu. Como chama aquilo? Bambu... bambu... bambuê, acho que é bambuê. Então eles pegavam em dois no bambu, um adiante e outro atrás, iam carregando, eles iam gritando, pelas estradas, “as armas meu povo”, aonde tinha alguém que morava por aí, que escutava saía na estrada... saía na estrada, então acompanhavam, ajudavam a carregar, mas as vezes ia um morto, um defunto com quatro, cinco pessoas só, mas iam levando. Não sei para onde que eles iam com aquilo, acho que eles iam para muito longe” (Adélia Biancarde Scapim).

No final dos anos 40 foi construído o cemitério, então se passou a enterrar todos os mortos da região, num mesmo lugar. Os velórios eram nas casas e se acaso, as casas fossem pequenas demais, o corpo era velado na igreja. Agora Palmeira d' Oeste já possuía muitos moradores e os velórios eram bastante movimentados, costumavam-se servir lanches e bebidas como café, chás e aguardente.

“O velório era nas casas, tinha velório e o povo ia, muita gente mesmo ia. O cemitério de agora foi feito porque quando morreram os primeiros, (...) não tinha cemitério. Depois, juntou meu pai com mais outras pessoas e fizeram lá o cemitério onde é realmente agora, aí então, começaram a enterrar lá mesmo, mas o velório era assim, faziam coisas para comer a noite, bebida, tudo isto tinha no velório” (Argentina Cardozo Borges).



1984 – Argentina Cardozo Borges e sua mãe Minervina Bárbara Cardozo na inauguração da Praça Liovergilio Francisco Cardozo

EDUCAÇÃO E POLÍTICA

A educação não é algo pronto e acabado, não tem começo, meio e fim, nós estamos nós educando constantemente, estamos sempre aprendendo. A nossa educação começa em casa, antes mesmo de andar e falar, antes de ir para escola, e no período abordado por este trabalho não era diferente, principalmente pelo fato de não haver escolas até o ano de 1948, quando foi construída a primeira escola primária, com dinheiro de leilões e com a ajuda de muitas pessoas da comunidade.

Em casa cada um ensinava o que sabia, tanto a mãe como o pai participava da educação, voltada sempre mais para o trabalho; para as meninas os cuidados de casa e artesanato, os meninos eram mais os serviços da roça, alguns poucos pais que sabiam ler e escrever procuravam ensinar os filhos, mas o que era mais ensinado mesmo era o serviço.

‘Graças a Deus! Então ensinei minhas meninas todas a tomar conta de uma casa. Hoje são donas de casa e tem duas que são costureiras.’ (Adélia Biancarde Scapim).

Na educação caseira, a mãe era a que mais ensinava, pois era quem mais convivia com as crianças. Os pais eram mais disciplinadores do que professores.

“Na minha casa o Bráz saía cedo e falava: se eles fizerem arte, você me conta e quando ele chegava a tarde surrava todos os que haviam feito arte. Meu pai também era muito enérgico, “vichi”, nós tínhamos muito medo do meu pai. Na minha família os pais educavam muito” (Maria Ressude Gonçalves).

Dentre os principais e primeiros ensinamentos, estava a religião, era ensinar a rezar e ir a igreja.

“Antes da escola, tinha a igrejinha. Era ensinar a rezar porque eles não tinham condições de ensinar, assim, educação era só mesmo religião, religião e sempre.” (Argentina Cardozo)

Borges).

Este tipo de educação era igual a que existia no século passado.

Em junho de 1948 foi construída a escola, a segunda construção de tijolos da cidade. A partir daí, iniciou-se a educação formal na Vila de Palmeira d' Oeste. As primeiras professoras que vieram não eram efetivas, Dona Diná, Dona Aparecida e Dona Helena, ficaram por pouco tempo até a chegada das professoras efetivas. Depois de um ano veio finalmente a professora Maria Eliza de Mendonça.

Todas as professoras e os poucos professores que trabalharam na escola vieram de outras cidades, elas eram a maioria, no geral solteiras e ficavam em casa de famílias e acabavam criando vínculos familiares na cidade.

“A professora que veio ela não era formada, era Dona Diná Moreira , morava no sítio onde esta hoje o matadouro de gado. Depois de um ano veio a Dona Maria Eliza Vicente Vicente. Ela veio e era solteira, veio de Monte Aprazível e ficou hospedada na casa do Zé Vicente. Ele tinha um irmão, o Orlando Vicente, e aí foi que ela se casou com o Orlando Vicente. A primeira professora efetiva, foi a Maria Eliza Vicente Mendonça” (Argentina Cardozo Borges).

Também acontecia de professores mudarem para Palmeira d' Oeste com a família.

“Nós seus oito anos de idade, meu filho José Carlos, tinha como professora, Dona Vanda, esposa de um moço também professor, vindos com a família da cidade de Araraquara, transferidos que foram para Palmeira d' Oeste” (José Roveri no seu livro “Onde Canta o Sabiá — Sonhos e Memórias de um Boticário do Sertão”).

A educação estava, basicamente, nas mãos femininas. Em casa as mães eram as responsáveis pela educação e na escola as primeiras pessoas a trabalharem com as crianças eram as mulheres e mesmo com o surgimento de professores homens, elas continuaram predominando. A contribuição da mulher para educação foi muito grande, vejamos o que uma antiga moradora respondeu quando indagamos sobre a contribuição da mulher para a educação.

"Aqui contribuiu porque a maior parte que trabalhava assim nessas coisas era mulher, o homem era mais difícil" (Argentina Cardozo Borges).

Para os moradores dos sítios e fazendas ainda era difícil proporcionar o ensino formal aos filhos, devido as distâncias e em alguns casos a falta de transporte e estradas, só bem mais tarde quando surgiu as escolas rurais esta barreira será transposta, mas alguns pais para poderem educar os filhos mudam completamente sua rotina.

"Ele falou: olha nós vamos trabalhar aqui no sítio até chegar a hora dos filhos irem para a escola. Na hora que os filhos começarem... todos eles, ter a hora, a idade de ir para a escola, nós vamos para a cidade, vamos para a vila. Na vila aqui, eu tinha uma casa de tábuas, um casão branco, de tábuas. Quando chegou a hora nós viemos morar na vila, só que ele trabalhava no sítio e eu ficava aqui na cidade, eu costurava, meu serviço era costurar e ele trabalhava no sítio, e eu punha as crianças na escola" (Adélia Biancarde Scapim).

Por muito tempo só existia o curso primário, neste período que foi abordado pelo nosso trabalho, os pais que queriam estudar mais os filhos, eram obrigados a enviá-los para outras cidades, longe daqui, mas não era qualquer um que conseguia manter o filho estudando longe, eram poucos que podiam fazer isto.

"Eu e Alaíde ficávamos meses na fazenda acompanhando o trabalho dos empreiteiros, enquanto o José Carlos estudava num internato em Monte Aprazível, no colégio interno do Padre Nunes. Deixar o filho era doloroso, mas necessário. Padre Nunes dizia que o canarinho estava bem guardado na gaiola, mas a saudade nós torturava" (José Roveri no seu livro "Onde Canta o Sabiá — Sonhos e Memórias de um Boticário do Sertão").

A política sempre foi considerada assunto de homens, mas abertamente ou camufladamente a mulher dava sua opinião, e de uma forma ou de outra participava da política. Havia mulheres que eram muito submissas e deixavam de falar o que pensavam, mas havia muitas que já davam opiniões, se não abertamente, mas pelo menos em casa já falava o que pensava.

Vejamos depoimentos de mulheres que viveram em Palmeira d' Oeste, na mesma época e agiam bastante diferente uma das outras, quando indagadas a respeito da participação política e se davam opinião própria.

"Não eu não, mas certo que, muita mulher dava já, mas não era muito, porque toda vida muita mulher não entrava, não é Bráz? Minha mãe mesmo, meu pai era político eu nunca vi minha mãe falar nada... onde o marido votava a mulher votava junto, hoje já não é mais assim" (Maria Ressude Gonçalves).

O depoimento da Segunda mulher nós revela outra face da mulher pioneira:

"A mulher dava opinião, até hoje eu dou opinião para o meu velho, sempre dei, sempre! Nós somos muito, como diz, os dois muito unidos" (Adélia Biancarde Scapim).

Quando esta foi indagada sobre as outras mulheres, respondeu:

"Ah, elas davam, tinham umas no meio, se sabe que no meio do mundo sempre tem uns estrepes" (Adélia Biancarde Scapim).

A partir destes depoimentos podemos concluir que existiam tanto mulheres pacíficas e submissas à vontade do homem, como também existiam mulheres ativas, que falavam o que pensavam, mas nem todos os maridos aceitavam opiniões. Observemos o que disse uma terceira entrevistada.

"Nós dávamos em casa, mas na rua não, nem cogitava de falar na rua, só em casa a gente conversava, discutia (...) É muito difícil para a mulher. É pouco marido que dá valor na mulher, escutar o que ela falava, mais era a fala do marido e só" (Argentina Cardozo Borges).

Se eram, poucas ou muitas, as mulheres que davam suas opiniões políticas, se eram

aceitas ou não pelos homens não é importante, o importante é ressaltar que já havia algumas mulheres que já não se calavam e baixavam a cabeça.

Os períodos eleitorais era época agitada, os políticos (candidatos) iam às casas, pediam votos, faziam comícios, e nesses comícios saiam muitas brigas.

"Tam nas casas, pediam voto, fazia comício, tinha briga mesmo, eles brigavam no comício, subiam no caminhão, derrubavam as pessoas que estavam lá, jogavam no chão" (Argentina Cardozo Borges).

"Quando foi a primeira política, eleição de Jales, o prefeito doutor Euphy Jalles, então naquele tempo (...) vinha um caminhão buscar o povo da vilinha para irem assistir o comício, então a gente ia todos de caminhão, iam mulheres e homens, todos juntos. Ainda falei para as meninas à poucos dias, juntávamos nós mulheres, comprávamos aquele chapéu de palha e quebrávamos ele aqui na testa e escrevíamos, nós éramos do PSD, então nós íamos cantando, nós íamos todos juntos, não tinha separação, íamos todo mundo junto para votar " (Argentina Cardozo Borges).

Já nas primeiras campanhas, mesmo sendo violentas, as mulheres contribuíram: pediam votos, orientavam como votar, como fazer os títulos eleitorais e etc., mas é importante ressaltar que a maioria dessas mulheres agia segundo o pensamento do pai ou esposo, esse era o "trabalho político" e no dia da eleição agiam como cabo eleitoral.

"Ah, elas ajudavam as pessoas no dia da política. Falavam para votar, que tinham que votar e o modo de votar. É um tipo de cabo eleitoral, mas é fraco porque a pessoa não tinha muito conhecimento. Eram poucas as pessoas para ensinar, para ajudar a fazer o título de eleitor, preencher. Tinha que ir à Jales. A gente foi muitas vezes em Jales para ajudar as pessoas a obterem seus os títulos de eleitor e aprenderem como votar. Ia muita gente para Jales aprender. Negócio de eleição... política assim... meu pai mesmo era um" (Argentina Cardozo Borges).

Uma mulher que mereceu destaque na história de Palmeira d' Oeste é a senhora Minervina Bárbara Cardozo, mãe de uma das entrevistadas. A dona Minervina conquistou o respeito e a admiração da população local, não por pressão, mas pela prestação de serviço, pela simplicidade, pela ajuda às pessoas e pela participação política, era uma das únicas que abertamente participava da política.

"Minervina Bárbara Cardozo, ela muito trabalhou. Minha mãe trabalhou muito por Palmeira d' Oeste. Isto é verdade Foi uma das que mais trabalhou por Palmeira! De política à tudo foi ela a minha mãe. Minha mãe era uma pessoa muito disposta, muito trabalhadora e disposta mesmo. Ela conversava com qualquer pessoa podia ser rico, ser pobre, ser uma pessoa instruída, ou que não fosse, ela estava sempre em função das pessoas, sempre (...) ela ia para todo quanto é lugar, para todo lado que tinha uma coisinha de política ela estava junto " (Argentina Cardozo Borges)!



Minervina Bárbara Cardozo

Dona Minervina sem dúvida era uma mulher à frente de seu tempo, pois participava de tudo, num período em que as mulheres eram muito submissas ao homem, outra mulher de destaque a senhora Adélia Biancarde Scapim, pois sempre deu sua opinião para seu marido, seja sobre política ou economia doméstica, não sendo submissa.



1946 - Minervina Bárbara Cardozo

Na inauguração de Brasília, cidadãos de Palmeira d' Oeste estiveram presentes entre eles uma mulher, Alaíde, esposa de José Rovéri, os dois, acompanhados do filho e de seu compadre Magid, foram ver de perto a inauguração da nova capital.

“No dia 21 de abril de 1960, partimos para Brasília na sua inauguração eu, Alaíde, José Carlos e o meu compadre Magid, um evento memorável” (José Roveri no seu livro “Onde Canta o Sabiá — Sonhos e Memórias de um Boticário do Sertão”).

Para encerrar este capítulo uma frase da senhora Adélia Biancarde Scapim:

"Nós viemos no ano de 42, nós éramos gente, e somos gente até hoje "(Adélia Biancarde Scapim).

As pessoas não podem esquecer que são gente, são seres humanos e que têm direitos e deveres (político, social, econômico, cultural e outros) e não podem ficar de braços cruzados esperando cair do céu solução para os seus problemas, principalmente as mulheres precisam crescer na política, porque, se não estará dando poderes para os homens decidirem por elas, governarem por elas.

Depois de 56 anos de fundação e 42 anos de emancipação, Palmeira d' Oeste, no ano de 2000, elegeu finalmente sua primeira vereadora, a Senhora Cida Barbosa (Aparecida Barbosa da Silva Matos) aos 48 anos de idade.



2002 - Aparecida Barbosa da Silva Matos (Cida Barbosa)

RELAÇÃO FAMILIAR E PARTICIPAÇÃO NA ECONOMIA

O namoro era bem diferente dos dias atuais, tinha que namorar em casa, ter permissão dos pais, e ter respeito.

Havia pais muito rígidos que não toleravam namoro longe, como no caso da família Ressude:

“... era só arrumar um namorado ele determinava: em três meses tem que casar. Eu demorei muito, porque eu namorei (o primeiro namorado meu foi o Braz, não namorei mais ninguém, foi só ele)... namorei três anos escondido do meu pai, quando meu pai descobriu foi quando ele mudou aqui para a fazenda, aí logo tivemos que casar” (Maria Ressude Gonçalves).

Mesmo nas famílias menos rígidas, havia regras para o namoro, que deviam ser cumpridas e respeitadas, por exemplo: não podia namorar na rua, somente em casa, e com hora marcada para ficar, não podia ultrapassar o horário estipulado.

Os casamentos neste período já não eram mais arranjados, segundo as informações obtidas, eram por amor.

"Ah, na minha época já era por amor. Acho que sim, naquela época, a maior parte já era por amor mesmo. Eu acho que sim, porque o meu mesmo foi (graças a Deus)... foi por amor" (Adélia Biancarde Scapim).

Na década de 40 não havia casamento por meio de fuga (fugido), como se dizia na

época, "casava direito". Casava-se no civil, e como não havia padre, o casamento no religioso poderia demorar meses após o civil, pois era preciso ir a outras cidades maiores para poder casar no religioso, mas já no final da década e início da outra um padre começou a vir de vez em quando, celebrar missa e fazer casamentos.

"... quem queria casar no religioso, arrumavam os padrinhos, arrumavam os cavalos e iam embora para a cidade, e iam casar porque era assim. Tinham que ir para Fernandópolis... para, Votuporanga, Rio Preto, Pereira Barreto, tinha que ir embora a cavalo, mas depois logo veio o padre. Então ele vinha uma vez por mês aqui..." (Adélia Biancarde Scapim).

A relação marido e mulher era marcada por características antagônicas, a presença do diálogo e a submissão, o amor e a traição, a passividade e a violência,

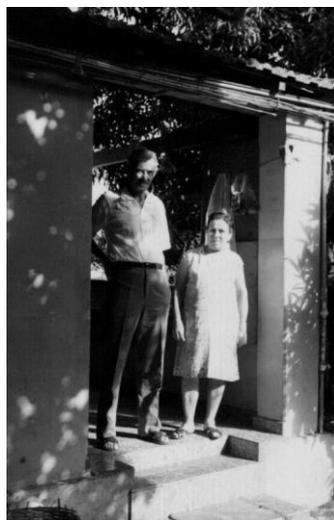
A traição e a violência ocorriam bem pouco, mas é algo que as pessoas fazem questão de esquecer, apagar da memória e esconder.

Já a submissão e o diálogo era uma coisa clara de se ver.

"... Minha mãe era só meu pai, ele que mandava em tudo" (Maria Ressude Gonçalves).

Esta frase deixa clara a submissão de algumas mulheres, mas outras frisam bem a existência do diálogo,

"... Sempre fomos unidos os dois, tanto pra educar as crianças, dando opinião dele pra mim, e eu pra ele... graças a Deus" (Adélia Biancarde Scapim).



1977 - Adélia Biancarde Scapim e seu marido José Scarpim

Os casos de violência doméstica eram sempre muito escondidos, mas um caso que ficou registrado é de um "tal" de Juca, que chegou à Palmeira d'Oeste em 1946, vindo de Estrela d'Oeste, de onde foi expulso pela família Castilho vindo a morar nas proximidades do Córrego do Coqueiro na propriedade de Euphy Jalles e mais tarde veio morar na Vila, era um mal sujeito, de tendência ao crime.

"Ele não aparecia para ninguém e ninguém também o procurou. Dias depois passou a surrar a mulher constantemente. Não se demorou muito por ali. Dizem que o perigoso

bandido havia atravessado para o outro lado do rio e que fora morto por pistoleiro (...), havia outra versão de que ele teria sido morto pela sua própria mulher” (José Roveri no seu livro “Onde Canta o Sabiá — Sonhos e Memórias de um Boticário do Sertão”).

Existiram também alguns casos de relacionamento extraconjugais que culminaram em fuga, separação e em alguns casos até mesmo a morte, casos que na época foram escândalos, mas os pioneiros preferiam esquecer.

“... Não tinha nada disso naquela época, não é? Não tinha muito casal briguento, não tinha separação... não, não existia essas coisas, tinha pouca gente, era tudo gente que respeitava. Tinha respeito” (Adélia Biancarde Scapim).

Apesar deste receio de falar estes casos ocorriam sim, e ocorriam justamente nas famílias antigas, nas primeiras que vieram que "participaram da fundação", talvez por isto haja o receio de falar ou pelo fato de alguns dos envolvidos ainda residirem na cidade, e eram pessoas modelo, que se diziam religiosas.

“... Aquele homem era tão exemplo, ele ia todo domingo na igreja. Uma vez ele foi na Aparecida do Norte, tirou uma foto com a “Nossa Senhora” no braço, um homem inteligente uma grande pessoa (...) uma família de gente distinta, olha depois para mim desmoronou o mundo todo porque eu não acreditava que existia estas coisas,. Faz 50 anos, e eu não acreditava que um homem, largasse a família...” (Maria Ressude Gonçalves).

Neste caso o marido abandonou a esposa e fugiu com outra mulher casada, não convém citar nomes, pois estamos contando a história da mulher de Palmeira d' Oeste no geral e não no particular, estamos apenas mostrando o que ocorria, não queremos prejudicar ou ofender ninguém.

Ocorreram outros casos inclusive um que acabou, sendo encerrado por um assassinato, também este caso ocorreu dentre a "elite local", e mostra como as mulheres dessa elite local, eram submissas, chegando ao fato de algumas delas como nesse caso, aceitarem a relação extraconjugal do marido.

“Ela passava um terno de linho todo dia com um ferro de brasa (...), passava o terno para ele ir namorar a menina. Dizem que ele deitava num quartinho e ele colocava, juntava flor e jogava tudo, ela que me contava, cobria de flor, aí ele fugiu com a moça. Aquele moça sumiu e ele voltou, e ela aceitou, passou algum tempo e ele quis desquitar e ela aceitou. O advogado veio de Jales, fez toda papelada, arrumou tudo e ela assinou. Dizem que ela falou: “ olha doutor, ele pode ir para onde quiser, dar as voltas no mundo que ele quiser, mas o dia que ele voltar, a porta da minha casa estará aberta”...” (Maria Ressude Gonçalves).

Esta história acabou tendo um fim trágico, o pai da moça prometera que se o homem que fugira com sua filha entrasse em seu lar ele o mataria, e foi o que aconteceu.

O divórcio ou desquite, ou até mesmo as separações informais eram mal vistas pelas pessoas, mas outro fato que abalava a moral da época era a mãe solteira.

“... Nossa”! *“Naquela “época que eu casei eu lembro:” nossa Senhora Aparecida”, uma moça ter*

um neném (...) todo mundo esconjurava, ” nossa senhora ” era muito feio ” (Maria Ressude Gonçalves)!

Outra discriminada seriam as mulheres separadas que se envolvessem em um novo relacionamento.

“Ah! Era discriminada. Quando tinha uma mulher mais ou menos assim, naquele tempo nós falávamos, fulana é falada (...) então já era falada (...) naquela época era moça, mulher que largava do marido, ficava andando aí com um e com outro, porque sempre tinha, e alguma moça, sempre fugia da rotina do pai e da mãe ” (Argentina Cardozo Borges).

As mulheres pioneiras de Palmeira d' Oeste trabalhavam muito, em casa, na roça, na política em repartições públicas, lojas, domésticas, parteiras e outras e poucas vezes são lembradas na história local.

As mulheres trabalhavam duro na roça.

“... As minhas irmãs iam todas para a roça, elas iam todas. Meu pai tinha uma lavoura de café, e as meninas iam de madrugada, iam no escuro para a roça...” (Maria Ressude Gonçalves).

Na roça as mulheres faziam todos os serviços e em casa ainda era a encarregada de fabricar os produtos caseiros que serviam de alimento para toda a família, e também era responsável pelo beneficiamento dos alimentos nos pilões.

Os alimentos beneficiados no pilão eram o arroz e o café. Os alimentos feitos em casa eram o óleo de gergilim, farinha de milho, farinha de mandioca, chás, pães, doces, polvilho e outros; ainda se fabricavam velas, sabão, tamancos. Alguns destes produtos para serem fabricados passavam por um processo longo e demorado, como a farinha de mandioca, que era ralada na peneira, o café que era beneficiado no pilão, para depois ser torrado e voltava novamente para o pilão para ser moído, e se não todo, mas pelo menos maior parte destes serviços eram realizados do começo ao fim da produção pelas mãos femininas, o homem participava, por exemplo, tirando a cera da abelha para fabricar a vela, matar os animais para fazer o tamanco e o sabão, o resto era a cargo da mulher.

“Quem fazia mais isto era eu que mais trabalhava na farinha de mandioca, farinha de milho, isto era eu porque minhas cunhadas tinham muita criança elas não davam conta do serviço e ainda tinha que ir para a roça ” (Adélia Biancarde Scapim).

Pelo depoimento acima já dá para perceber, que praticamente todo serviço doméstico era da mulher e ainda ia para o trabalho na roça.

Os produtos fabricados muitas vezes eram divididos com os vizinhos, mas alguns eram vendidos, por exemplo, a senhora Adélia Biancarde Scapim, após mudar-se para a Vila fabricava pães para os bares da cidade e ainda costurava para fora, e a senhora Maria Ressude Gonçalves para o bar da família, fabricava muitos produtos.

“... Eu fazia 17 pudins na quinta-feira, e no Sábado mais 17. Era pudim, daqueles que tinha farinha, era tão gostoso, tenho vontade de fazer aquilo de novo. Enchia a vitrine dessas coisas de forno, de tacho, não comprava nada pra vender, a gente fazia tudo, até o de vender no bar. Era bem

mais gostoso. Palito francês que chama, conhece também... gostoso. Enchia a lata de 20 litros assim, sequilho de polvilho tudo feito em casa nunca a gente comprava um saco de bolacha...” (Maria Ressude Gonçalves).

Quando existia vizinho, geralmente o relacionamento era cordial. Com o crescimento da Vila surgiram novas oportunidades de emprego, como a vinda das professoras para lecionar na escolinha, também a chegada de médicos e dentistas. A preferência de empregos era das mulheres solteiras, pois não tinham filhos para atrapalhar o trabalho, uma vez que não existiam creches.

A senhora Argentina Cardozo Borges, foi uma das primeiras mulheres a trabalhar fora de casa, em local público. Em 1957 começou a trabalhar no posto do Correio. Antes seu pai, Liovergilio Francisco Cardozo, tinha um correio particular que funcionava na própria casa. As correspondências transitavam no lombo de mulas entre Palmeira d’Oeste e Jales. Após a construção do prédio do Correio ela passou a trabalhar lá como funcionária pública, e era alvo de admiração e de preconceito.



1946 – Liovergilio Francisco Cardozo

“Ah, sempre eles admiravam! Ah, mais é você que esta aí no correio? Você... você... é eu estou aqui. Então é de se admirar...” (Argentina Cardozo Borges).

O motivo de tanta admiração e surpresa é pelo fato que até então só professoras trabalhavam fora de casa em lugar público, mas estas vinham de fora de outras cidades e a senhora Argentina era da cidade.

O receio de mulher trabalhando fora de casa era tanto que quando lojas vinham se instalar na cidade era difícil conseguir moças para serem vendedoras.

“...Veio a Riachuelo mesmo, ele passou na cidade procurando moças que queriam trabalhar, também foi difícil, mas conseguiu, algumas conseguiu...” (Argentina Cardozo Borges).

A produção agrícola era até certo ponto bem diversificada, produzia-se; arroz, feijão, milho, gergelim, café, mandioca, algodão e banana e a mulher trabalhou em todos

os serviços em todos os cultivos, a economia de Palmeira d' Oeste foi e é até hoje essencialmente agrícola.

Palmeira d' Oeste cresceu devido a dois fatores, o primeiro localizava-se num ponto estratégico, ficava entre Jales e Vila Moreira (hoje Marinópolis) e mais adiante estava Pereira Barreto. Quem quisesse ir de uma cidade à outra inevitavelmente passaria pela Vila, que até 1943 contava apenas com uma construção comercial o boteco e a pensão de João Siqueira, um segundo fato é o movimento da igreja, que trazia sempre bastante pessoas nos fins de semanas.

Em 1946, José Rovéri instala sua farmácia. Depois começa a surgir outras construções: lojas, vendas, oficinas, bares e até mesmo padaria.

E... PARA FINALIZAR

Oficialmente a fundação de Palmeira d' Oeste, foi realizada pelas mãos de fazendeiros locais. O idealizador da fundação foi Orestes Ferreira de Toledo (agrimensor), que procurou Edílio Ridolfo e lhe disse a respeito de sua idéia e que o melhor lugar era a gleba de Thomáz Vicente Vicente. Procuraram-no e este concedeu 20 alqueires para a fundação do Patrimônio que ficaria sob direção de seu filho José Vicente Vicente.

"Do outro lado da Vila ficava a fazenda do Sr. Joaquim Moreira, homem de família tradicional da cidade de Ribeirão Preto (...) dono de áreas enormes naquela região. O Sr. Thomáz Vicente, possuía uma área menor adquirida do Sr. Joaquim Moreira e resolvera fundar a Vila sob a direção de seu filho mais velho José Vicente" (José Roveri no seu livro "Onde Canta o Sabiá — Sonhos e Memórias de um Boticário do Sertão").

O nome do patrimônio foi escolhido por Orestes, no dia em que os Vicentes "doaram" as terras.

"O enérgico e eficiente agrimensor, dotado de veia poética, com o braço no pescoço de sua mula, Borboleta, deu sua característica pigarreada, e olhando ao seu redor onde se erguiam dezenas de palmeiras, exclamou: Vai chamar-se Palmeira d' Oeste" (Edílio Ridolfo ao Jornal Folha d' Oeste em 01/05/1980).

José Vicente escolhera o dia 13 de dezembro para ser o dia da fundação por ser dia da Santa Luzia, a santa de sua devoção. Esta é a visão oficial da fundação de Palmeira, é uma visão de cima para baixo, é a visão dos donos da terra, mas será que o trabalhador, que construiu, que fez as terras produzirem, que fez a vila crescer, não são tão fundadores da cidade quanto o proprietário que "doou" as terras, e obteve ganhos com esta doação, uma vez que os lotes eram vendidos a quem vinha morar na vila?

"... mas Zé Vicente falou assim, aqui vai ser lote, aqui vai ser lote, então ele já comprou, para fazer a casa..." (Maria Ressude Gonçalves).

Esta é uma questão a se pensar será que José Vicente é mais fundador, do que aqueles que trabalharam na construção da igreja, da escola, do que aqueles que

abriram os campos, formaram as roças e as pastagens como os Scarpim, os Galete, os Ressude, os Cardozo e muitos outros?

A vila crescia lentamente, pois ficava espremida entre os latifúndios, e o número de habitantes era pequeno.

"A vilazinha crescia a passos lentos. Não havia gente suficiente para fazê-la crescer. Áreas enormes nas imediações do pequeno povoado, nas mãos de latifundiários cujas residências eram longe dali, à espera de melhores preços, emperrando o desenvolvimento da futura cidade" (José Roveri no seu livro "Onde Canta o Sabiá — Sonhos e Memórias de um Boticário do Sertão").

Esta situação perdurou até o momento em que o CAIC (Companhia de Agricultura Imigração e Colonização), desapropriou e vendeu uma propriedade com terras ociosas.

"A companhia Cacique, iniciaria a venda de terras de propriedade de um morador de Mirassol, terras ociosas num total de sete mil alqueires. Então começaram a chegar muitas famílias procedentes da região de Catanduva... Araçatuba... retalhando em lotes de cinco, dez, quinze, vinte alqueires e uns de cinqüenta alqueires" (José Roveri no seu livro "Onde Canta o Sabiá — Sonhos e Memórias de um Boticário do Sertão").

Isto não quer dizer que Palmeira d' Oeste, tenha ficado a parte de uma característica da época que era a grilagem de terra ou o apossamento, aqui, o que se tem informação é da existência de posseiros.

"...Vinha como diz o outro, vinha "apossando", "apossava" aquele pedacinho de chão, fazia um ranchinho e ai ficava, se via que tinha serviço, trabalhava, o dia que não tinha ficava sem trabalhar. Era desse jeito e tem muitos terrenós ai que até hoje, acho que nem escritura tem. "Apossio", pagou o direito. Paga os impostos, faz casa, e aí fica..." (Adélia Biancarde Scapim).

Fugimos um pouquinho do tema central que é a mulher, mas achamos que era necessário, para um melhor entendimento do contexto histórico da época. Vamos retomar ao nosso tema central, que é a mulher na história de Palmeira d' Oeste.

"Pra mim, o que nós passamos aqui, de quando nós entramos aqui, dava um romance, isso dava..." (Adélia Biancarde Scapim).

As palavras de dona Adélia, exprimem uma grande verdade, sobre a vida da mulher pioneira, era uma vida dura, cheia de dificuldades, de lutas, sofrimento, mas também de alegrias, de farturas, de vitórias, fatos de sua vida cotidiana que ela exprime durante seu depoimento, através de diversas frases como:

"Tinha fartura, mas nós sofremos. Mas nós sofremos, "Nossa Senhora", como nós sofremos, nós sofremos muito. Mas nós trabalhamos, meu Deus do Céu, que desespero no meio desse mato! Não é fácil o que nós passamos aqui. O que? Comemos o que o diabo amassou com o rabo, (...) nós sofremos, mas graças a Deus a gente venceu... Muita gente

reclama. Hoje nós estamos no céu, hoje tem tudo na mão” (Adélia Biancarde Scapim).

Mas as frases de dona Adélia, não expressam apenas dor, medo e alegria. Expressam muito mais, expressam a indignação pela não valorização da mulher na história de Palmeira d' Oeste, e de todos aqueles que construíram a história local. Quando ela fala a respeito da história oficial, que não traz nada a respeito da mulher (com exceção da rezadeira Maria Tiburtina de Jesus), é que se percebeu sua indignação:

"... tem mulher que trabalha muito mais do que homem, como diz o outro, e diz o outro que o periquito come o milho e o papagaio leva a fama..." (Adélia Biancarde Scapim).

Ela também acredita que sua família não teve o reconhecimento pelo tanto que fizeram pelo município, a única homenagem recebida, foi uma medalha dos pioneiros, dada ao seu marido.

Apesar de estar sempre ao lado do homem (pai ou marido), desde que a primeira família, pisou no município, a mulher ficou excluída da história e das posições na hierarquia social, devido ao machismo e o preconceito da época, e talvez por elas mesmas não buscarem o seu espaço. Foram poucas as que fizeram isto como dona Minervina Bárbara Cardozo que participava abertamente da política, ou a dona Maria Eliza de Mendonça Vicente, que veio só para o pequeno vilarejo para lecionar, veio com a cara e a coragem, para um lugar desconhecido e para morar em casa de estranho. Algumas outras como dona Adélia, que não conquistou um espaço público, mas conquistou algo que era difícil na época, um espaço na família, para decidir, para dar opiniões, um espaço de respeito mútuo. Geralmente as mulheres só obedeciam aos homens, a palavra do homem era uma lei.

A mulher foi importante na história de Palmeira d' Oeste, desempenhou um grande papel que ficou escondido, até então, quando foi dada oportunidade para elas falarem sobre isto. Elas contribuíram para o crescimento da cidade, simplesmente pelo fato de serem elas, as condutoras da religião, elas são quem preparavam as "prendas" dos leilões, com o qual se arrecadou dinheiro para construir a igreja e a escola.

A igreja com o movimento atraiu comerciantes. A escola alfabetizava as crianças do patrimônio, que mais tarde ajudaram o município crescer. Nas escolas, a educação nos primeiros anos era realizada apenas por professoras,

"Foi... foi sim, porque foi a mulher que ajudou a gente que vinha arrumar a igreja para rezar. Arrumava andor, então era tudo a mulher. Pra fazer o leilão as mulheres é que arrumavam os frangos, pediam, iam nos sítios a cavalo buscar frango, então, quero dizer que a mulher ajudou muito, nesta parte é trabalho" (Argentina Cardozo Borges).

Mesmo sem perceber, as mulheres já começavam a resistir ao autoritarismo e o machismo, com suas atitudes, já burlavam as imposições, por exemplo: o Sr. André Ressude não permitia que as filhas fossem aos bailes, mas elas iam escondidas, estipulavam o prazo de namoro, após três meses tinham que casar, mas uma das filhas namorou três anos escondida. Então sem perceber, sem ter consciência, essas mulheres, de uma forma ou de outra estavam enfrentando o autoritarismo paterno, (masculino).

O trabalho feminino, nem sempre era reconhecido, pelas pessoas, até mesmo pelos familiares, até hoje ainda se vê muito disto, de não se considerar o trabalho que a mulher realiza em casa (lavar, passar, cozer, limpar e etc.) como trabalho, mas também há os que reconhecem.

Das mulheres que trabalharam fora de casa, seu salário era gasto tudo com a casa, se era casada, ajudava o marido nas contas caseiras, e decidiam juntos como seria utilizado o salário.

"... Era gasto em comum, juntos" (Argentina Cardozo Borges).

Hoje a mulher trabalha bastante, tem um campo maior de trabalho para ela, mas as mulheres pioneiras trabalhavam muito mais, trabalhavam em casa, ajudavam o marido e ainda criavam muitos filhos, ainda tinham que arranjar tempo para fabricar os produtos caseiros e costurar para a família.

Hoje a vida para a mulher é bem mais fácil e melhor, é difícil a casa que não tem as tecnologias e confortos como: água encanada, chuveiro elétrico, ferro elétrico, fogão a gás, geladeira e outros. Tudo que não existia naquela época, nem energia elétrica tinha, mas apesar da vida sofrida, das dificuldades, das dores, do medo, das lágrimas derrubadas, foi aqui que elas também, lutaram, sorriram, viveram e venceram. A estas mulheres, é permitido ter saudade de uma época em que ajudaram a construir uma cidade, uma história.

"... a gente fazia! Parece que era tão gostoso naquele tempo..." (Adélia Biancarde Scapim).

Adélia Biancarde Scapim — Nascida em 11/04/1919 em Pindorama, Estado de São Paulo;

Maria Ressude Gonçalves — Nascida em 06/05/1926 em São José do Rio Preto, Estado de São Paulo;

Argentina Cardozo Borges — Nascida em 17/02/1937 na cidade de Palestina, Estado de São Paulo.

Sobre os Autores:

Anna Pereira Silva Neta Graminholi

Nascida em 29/07/1954 em Ribeiro do Vale - Estado de São Paulo.

Filha de Aurelino Pereira da Silva e Davina Pereira da Silva.

Estado civil : viúva.

Cursou do 1º ano ao 4º ano no antigo Grupo Escolar de Palmeira d'Oeste.

Cursou da 5ª série a 8ª série na E.E. Orestes Ferreira de Toledo de Palmeira d'Oeste (SP).

Cursou o Normal na Escola Serapião de Palmeira d' Oeste (SP).
Licenciada em História pela UNI Jales no ano de 2000.
Hoje Professora Aposentada pela E.E. Oscar Antonio da Costa de São Francisco (SP).

Randerson Carlos de Souza

Nascido em 13/10/1980 em de Palmeira d' Oeste – Estado de São Paulo.
Filho de Leobino Evangelista de Souza e Olinda de Souza.
Cursou o 1º Grau na E.E.P.G. de Dalas, 2º Grau na E.E. Orestes Ferreira de Toledo de Palmeira d'Oeste (SP), é licenciado em História pela UNI Jales no de 2000 em Jales (SP).
Professor Efetivo na Rede Estadual de Mato Grosso do Sul em Aparecida do Taboado (MS), e na Rede Estadual do Estado de São Paulo em Santana da Ponte Pensa. Atualmente (2.011) cursando Pós- Graduação (Especialização) pela Uni-Jales em Jales (SP).

EDIÇÃO: HERMENEGILDO JOSE FERREIRA